



Família

Viagens

Saúde

Trabalho e dinheiro

Amor

Qual é o seu signo

Autora

Créditos

## **Família**

*Após uma grande dor,  
chega um sentimento formal.*  
Emily Dickinson

## Mitologia

Minha mãe e meu pai se conheceram no dia em que ele tentou se jogar da ponte Sisto, em Trastevere. Era um bom local para cair: ainda que fosse um bom nadador, o impacto com a água o teria deixado paralítico, e o Tibre naquela época já era tóxico e esverdeado.

Minha mãe caminhava cabisbaixa e com os ombros contraídos, como se estivesse sempre chovendo, especialmente quando andava sozinha, mas naquele dia parou na ponte e viu um garoto montado no parapeito. Aproximou-se para pôr uma mão sobre seu ombro e puxá-lo para trás, talvez tenha havido uma breve discussão. Ela o convenceu a se acalmar e respirar devagar, depois passearam pela cidade, embriagaram-se e terminaram num hotel com lençóis duros que cheiravam a amônia. Antes do nascer do sol, minha mãe se vestiu e foi embora. Precisava voltar ao internato, e meu pai lhe parecia muito inquieto; não tinha nem balançado as costas dele para avisá-lo.

No dia seguinte, quando saiu pelo portão da escola junto com as amigas, o viu com os braços cruzados, apoiado num carro que não era dele, e naquele momento entendeu que tinha se lascado. Sempre invejei a expressão mística e funesta com que ela conta essa história, sempre senti ciúmes daquele apocalipse.

Naquele dia, em frente à escola, meu pai vestia calça jeans justa, uma camisa azul com as mangas enroladas e fumava Marlboro vermelho; consumia dois maços por dia.

Tinha ido buscá-la na frente de uma escola pública na rua Nomentana e daquele momento em diante passaram a viver juntos.

“Como conseguiu me achar?”, ela perguntava. Quando eu era criança, ela me contava essa história transformando meu pai

num mago obscuro capaz de nos interceptar em qualquer lugar no tempo e no espaço, e eu a abraçava com força, sem responder, perguntando-me como era ser desejada daquele jeito por um homem.

Depois, cresci e comecei a lhe mostrar a coisa mais óbvia. “Havia só um colégio para moças como você em Roma, não foi tão difícil.” Ela concordava, depois movia a cabeça: ele a encontrou porque precisava. Apesar do fim do casamento, ela nunca se arrependeu de tê-lo afastado daquela ponte: ele era surdo, ela também, a relação deles tinha algo mais profundo e íntimo do que o amor.

Meu pai e minha mãe se conheceram no dia em que ele tentou salvá-la de uma agressão em frente à estação Trastevere.

Ele havia parado para comprar cigarros e estava prestes a voltar para o carro quando foi atraído por movimentos bruscos e descoordenados de alguns delinquentes; estavam chutando uma garota, tentando arrancar-lhe a bolsa. Depois de botá-los para correr de susto, ele parou para dar assistência à minha mãe e a convenceu a ir até sua casa para se recompor. Naquela época, ele ainda vivia com os pais: assim que viram aquela garota, pouco mais do que uma adolescente de pele escura e cabelos ainda úmidos do banho, acharam que se tratava de uma órfã.

Com vinte anos, minha mãe tinha um sorriso largo e indecente, dentes de fumante e cabelos pretos escorridos até os ombros, num corte que fica mal para qualquer uma; às vezes, usava presilhas de tartaruga para prendê-los. Vivia num internato e muitas vezes dormia na rua, estudava esporadicamente. Fazia algum bico para completar a renda que os pais lhe mandavam dos Estados Unidos, mas nunca chegava na hora.

Naquele dia, começaram a sair: falavam a mesma língua feita de engasgos e palavras ditas num volume alto demais, mas era a atitude deles que atraía olhares nas ruas. Trombavam com os transeuntes sem se virar nem pedir desculpas e transpiravam indiferença: ele tinha cabelos castanho-claros, a boca carnuda e traços nobres, ela mal chegava na altura dos ombros dele e

parecia saída de uma prisão florestal para guerrilheiros.

Fazia muitos anos que meu pai tinha a capacidade de aparecer do nada: com frequência, quando ela partia para ver a família nos Estados Unidos, ou desaparecia por alguns dias, ou muito tempo depois, quando já estavam separados, ele se deixava encontrar no terminal de embarque no momento certo ou aparecia por trás de uma porta de vidro, saía repentinamente de um elevador, batia na porta do carro, forçando-a a levantar o olhar devido ao movimento súbito.

Ela o reconhecia pela postura desconjuntada, a cintilância dos cigarros; encontrava-o como um caçador ferido e ensanguentado encontra os animais quando não conta com outros sentidos à sua disposição e confia somente num instinto raivoso. Meu pai e minha mãe se divorciaram em 1990. Viram-se poucas vezes desde então, mas cada um começa a história dizendo que salvou a vida do outro.

## Infância

Minha mãe nasceu nos últimos dias de 1956, numa casa em uma área rural próxima ao rio Agri, na Basilicata. Geralmente, meus avós maternos se acomodavam no vilarejo durante o inverno, e não naquela construção quase em ruínas, mas foram surpreendidos por uma nevasca, e assim minha mãe nasceu num estábulo circundada por gatos e outros animais mirrados. Seus pais trabalhavam no campo e ela passava muito tempo com as avós. Uma delas era uma *accidental american*, como eu: nascida em Ohio, onde seu pai estava de passagem — não temos notícias desse nômade ou soldado da fortuna,<sup>[1]</sup> só sabemos que ele deu início a uma série de migrações impensadas —, depois havia se mudado para a Basilicata com a mãe, transformando-se numa imigrante às avessas, que abandonava o futuro para se desintegrar no passado. (Com seis anos, eu teria a mesma sorte, mudando-me do Brooklyn para um vilarejo da Lucânia no qual havia mais animais do que pessoas.) No vilarejo, era tratada como uma pessoa misteriosa: embora nunca falasse em inglês, tinha sempre produtos de marcas estranhas, jeans que resistiam ao desgaste e velas que não derretiam mesmo que ardessem por horas. A outra avó era silenciosa e vulnerável, seu mundo era definido por aparições cinéreas no céu, exorcismos feitos com uma colher de prata colocada sobre a testa, frequentava as procissões descalça e estava convencida de que mantinha um diálogo privilegiado com Nossa Senhora.

Quando eu era pequena, minha mãe me levava para passear à beira do rio próximo do lugar onde nasceu, e era difícil associá-lo às águas míticas e tumultuosas em que ela fora imersa aos quatro anos para que a febre da meningite baixasse. Assim que perceberam a temperatura elevada, correram para banhá-la no rio, porém, segundo os médicos e vizinhos, aquela cura

impulsiva de nada teria servido. A infecção poderia deixá-la cega, louca, surda ou morta, e todas as mulheres comprometidas em vigiar a existência dela e rezar ao lado da caminha em que ela estava amarrada e apagada votaram a favor da surdez. Seria difícil, mas pelo menos ela veria o mundo e acharia um jeito de se fazer entender.

Meu avô Vincenzo era baixo, escuro e mulherengo. Quando ele e minha avó Maria emigraram para os Estados Unidos, na década de 60, não o fizeram porque eram pobres — embora o fossem — ou porque precisavam de um trabalho melhor, mas sim porque ele era galante demais com as mulheres do vilarejo e minha avó sofria com isso. Ele tocava acordeão nos casamentos e nas festas, vestia calças escuras e camisas com mangas enroladas até o cotovelo, não havia fios brancos entre os cabelos que ele puxava para trás passando gel. O noivado deles fora arranjado: eram primos de primeiro grau e, às vezes, ao ouvir as conversas e fofocas dos nossos conterrâneos, tinha-se a impressão de que meus tios nasceram baixos e minha mãe ficou surda devido a essa má combinação de sangue. Meus avós infringiram as leis de parentesco e foram punidos por isso, mas minha mãe perdeu a audição por culpa de uma doença infecciosa, e meus tios eram baixos como tantos garotos do sul da Itália naqueles anos. Os aristocratas e os vampiros se casavam entre eles para preservar a espécie, segundo os antropólogos pouco atentos, algumas tribos africanas, por sua vez, faziam-no para evitar maldições, quando na verdade havia códigos bem precisos para impedir um excesso de familiaridade entre os amantes; às vezes era impossível namorar até com um garoto com o mesmo animal totêmico, ou quem sabe se na família os amores malfadados terminavam mal exatamente por isso mesmo, pelo encontro de fantasmas e totens impossíveis de conciliar.

Minha avó era uma esposa da literatura rural, delicada, enquanto meu avô era pirotécnico; ela prática, enquanto ele era evasivo. Ela tinha a pele clara e uma boca grande e fina. Na adolescência, se apaixonara por outro rapaz, tímido como ela, mas meu avô era o que todas queriam: não havia escolha. Abrir



mão da inveja dos outros, esse sim era o verdadeiro tabu num pequeno vilarejo. Se alguém dizia algo mesquinho, ela sacudia a cabeça ou tapava a boca do desventurado; não se irritava com frequência. Não sabia como defender a filha quando a chamavam “a muda” ou lhe diziam que era uma pobre coitada a quem Deus deveria devotar mais atenção.

Minha mãe, na verdade, defendia-se bem sozinha e não sentia pena de quem não a entendesse quando falava: com quatro anos, derramou uma panela de água fervendo numa vizinha que estava futricando a respeito dela, entendera isso pela forma como a mulher gesticulava e a olhava com comiseração. Ficou rindo, debruçada na janela, suscitando a secreta aprovação dos seus parentes.

Só se dava bem com os irmãos e com as avós, que falavam em dialeto fechado; a leitura labial era impossível, mas eles tinham um instinto para o gesto e a tocavam sempre, da mesma forma que a minha mãe sempre me tocou. Na verdade, os irmãos não acreditavam que ela fosse surda e, quando brincavam de esconde-esconde, contando os números em voz alta, abandonando-a à própria sorte nas ruelas do vilarejo, não o faziam para excluí-la, mas sim porque confiavam na sua capacidade de orientação. Para eles, minha mãe não era uma vítima nem nunca foi especial. Ainda hoje, depois de terem levado vidas tão diferentes, depois de meus tios praticamente terem esquecido o italiano após sessenta anos vivendo nos Estados Unidos, eles conversam com ela como se ela pudesse ouvi-los, sempre têm estas conversas hilárias e assíncronas típicas das famílias explodidas.

Quando pequena, ela era vivaz e hostil, e, para discipliná-la, seus pais decidiram mandá-la a um internato de freiras em Potenza. As professoras a reconheciam pelo sorriso deslumbrante; quando não vestia o uniforme, usava camisetas listradas e raramente a viam com uma boneca nas mãos.

No internato, aprendeu a se expressar mediante tortura. Em casa, nunca tivemos facas grandes na cozinha porque a lembravam de seus anos de escola, quando as freiras do antigo

Instituto das Freiras de Madalena de Canossa colocavam uma faca enorme sobre sua língua e a mandavam gritar para aprender como emitir sons com suas cordas vocais, ou então a faziam tocar em fios elétricos e mandavam que gritasse mais alto. Foi assim que minha mãe aprendeu a reconhecer o som da própria VOZ.

Ela conseguia falar melhor do que as outras garotinhas porque, depois da meningite, restara algum resíduo de audição, que foi enfraquecendo até desaparecer. No começo, ela não vivia numa câmara hiperbárica de silêncio, sua cóclea havia se rompido de forma irregular e, com isso, os sons iam e vinham, e o mundo era um lugar de presenças fantasmagóricas e uivos imprevistos. Às vezes, ela tenta me descrever o pavor que sentia, nesse seu ser surda e afligida por perenes dores de cabeça: é como se vivesse com alguém que tenta assustá-lo o tempo todo pelas costas. Quando pequenos, meu irmão e eu fazíamos isso de verdade, aparecendo do nada num cômodo, subindo pelas costas dela para que ela sentisse o choque do contato, esperávamos que ela risse, porém, ela reagia aos nossos assaltos com longos silêncios nos quais nos arrependíamos da nossa crueldade, mas nunca o suficiente para deixar daquilo. A possibilidade de uma emboscada transformou-lhe o corpo de forma irreversível; encurvou-lhe as costas e tornou-a incapaz de olhar as pessoas nos olhos, de verdade.

No internato, minha mãe aprendeu a língua de sinais. Usou-a com suas professoras freiras, com as amigas surdas e mais tarde com meu pai, ainda que ele detestasse fazer gestos, mas nunca com outros interlocutores. Nunca pediu aos pais ou aos três irmãos que aprendessem, tampouco aos filhos. Não foi difícil, para mim, que por muito tempo tive medo de falar em voz alta, entender por que ela renunciara à imposição da sua língua privada: a língua de sinais é teatral e visível, expõe continuamente quem a usa. Transforma o usuário imediatamente num portador de deficiência. Ausentes os gestos, ela parece só uma garota um pouco tímida e distraída. Lendo os lábios dos outros para decifrar o que diziam até consumir os

olhos e os nervos, falando em voz alta e forte com acentos irregulares, ela parecia somente uma imigrante desprovida de gramática, uma estrangeira. Às vezes, quando pegava o ônibus e os motoristas perguntavam se era peruana ou romena, ela concordava sem dar mais explicações, quase lisonjeada pelo equívoco.

Além da audição, minha mãe perdeu outra coisa: uma amiga, na água, no internato.

As garotinhas foram no verão, com as freiras, a uma colônia de férias, usavam maiôs verde-esmeralda e chapeuzinhos de pano com um laço de corda sob o queixo. Uma delas se afastou demais, não conseguia gritar para as outras, e assim acabou encurralada pelo mar.

Aquilo foi um trauma para todas as alunas do internato e, daquele momento em diante, as histórias de terror envolvendo as formas pelas quais podiam morrer começaram a piorar: as histórias que essas garotinhas — todas elas bailarinas involuntárias, sempre abaladas por movimentos e retaliações interiores — trocavam antes de dormir pareciam com as notícias dos *feuilleton* do século XIX, aqueles com ilustrações de esposas mortas e grávidas que pariam dentro do caixão — as verdadeiras crônicas do passado —, só que, no lugar delas, havia uma surda que não conseguia se comunicar e era enterrada viva por causa de uma falsa interrupção dos batimentos cardíacos, e, quando abriam novamente o caixão, viam-se os dedos descarnados pela madeira, como naquela caverna de areia vermelha do *Rosso Malpelo*.<sup>[2]</sup> A morte daquela amiga, contada em seus detalhes mais sórdidos, é o motivo pelo qual até hoje minha mãe tem medo de pegar o elevador sozinha ou de me deixar ir nadar.

Minha mãe voltava para casa em San Martino nas férias de verão, até que seus pais partiram para os Estados Unidos, deixando-a para trás com o irmão mais velho, que também estudava no internato. Meus avós estavam prestes a se tornar imigrantes, precisavam conquistar outra língua sem nunca ter falado direito aquela à qual pertenciam. Minha mãe estudava numa boa instituição, eram boas as razões para que ela ficasse na

Itália. Apesar das rebeliões cotidianas, ela era afeiçoada às freiras, além de ser boa aluna. Na verdade, minha avó tentou levar a filha consigo, porém, durante uma reunião com as professoras, lhe perguntaram: “Quer realmente que ela não saiba mesmo falar e que se sinta sozinha num ambiente desconhecido? Ela não pode ir ao encontro de vocês mais tarde?”. Ela foi incapaz de responder, tomada pelas preocupações da sua própria partida.

Foram embora quando minha mãe tinha doze anos, porém, antes de irem, levaram para ela um vestido branco e sapatinhos de verniz, inadequados para a sua idade. Após a partida, minha mãe se tornou ainda mais retraída e violenta, no entanto, quando lhe pergunto se já se sentiu abandonada, ela diz que não. Seus pais mal haviam chegado à metade do ensino fundamental. Eram pessoas divertidas e boas, não muito refinadas, mas foram capazes de uma intuição essencial: não viveriam para sempre, não poderiam protegê-la em todos os momentos. Minha mãe devia tornar-se independente, e assim foi. Já a vida do meu pai foi um tanto diferente.

A mãe do meu pai era uma costureira graciosa, filha de um pastor de Canale Monterano e de uma mulher de Monteleone di Spoleto que ele conheceu durante a transumância. Criou-se num vilarejo da região da Úmbria, onde vivia com a mãe e os irmãos; o homem da família era uma presença irrelevante que se cristalizava apenas no verão. Ela sempre se deu bem com os irmãos, já com as irmãs tinha problemas decorrentes da intimidade e do ciúme.

Da irmã mais velha, ela roubou o namorado, aquele que viria a ser o meu avô.

Nos anos da Segunda Guerra Mundial, minha avó Rufina foi deixada na casa de uma família rica para a qual costurava roupas. Era cortejada por um soldado alemão que sequestrou o irmão mais novo dela achando que se tratasse de um simpatizante comunista. Minha avó foi buscá-lo a pé numa casa de campo no fim do vilarejo: seu irmão não era comunista, apenas ficava sozinho dando voltas pelas ruas, não tive o privilégio de ter

*partigiani* na minha família, apenas pessoas mais ou menos condescendentes com o poder. Para reaver o irmão, ela prometeu remendar as meias e as camisas dos soldados. Um dia, depois de lhe entregar um cesto de roupas para lavar, o alemão disse em voz alta: “Se eu ter sorte, voltar para pegar a loira”. Minha avó estava noutro cômodo, cabisbaixa sobre o cesto de roupas a serem remendadas, mas nem ficou ruborizada ao ouvir a voz dele. Quando jovem, ela tinha os cabelos acobreados, e ainda hoje fica ofendida com aquela imprecisão. Minha avó Rufina odiava os fascistas e os comunistas, já com os alemães era gentil: os jovens nazistas estavam sob ameaça como todos, mas pelo menos eram estrangeiros, era mais fácil matar-se entre desconhecidos.

Quando jovem, fora cortejada também pelo fotógrafo de outro vilarejo, que lhe enviava cartas por um vizinho, ela abria os envelopes e encontrava fotos do pôr do sol que lhe provocavam mal-estar e tédio; sempre sentiu um incômodo em relação à arte.

O médico de outro vilarejo, que costumava frequentar as festas na casa da família rica que a contratara como costureira, perguntava-lhe se ela queria dançar tango, mas ela ficava encabulada. Minha avó gostava muito do médico, mas sabia que era ignorante. Não lia livros, quase não escrevia. Era bonita, mas como podia ser esposa de um médico? Ele se sentiria desconfortável, por isso ela namorou e, afinal, casou-se com o ferreiro, o ex-namorado da sua irmã mais velha.

Não se sentia culpada por roubá-lo: nesse ínterim, veio a guerra, as coisas haviam mudado. Meu avô “tinha sido colocado para fora pela porta e agora entrava pela janela” e entendera que, apesar de seus penteados caprichados e de sua vaidade, aquela garota era boa em poupar e obcecada por dinheiro, como ele.

Os dois tinham um bom trabalho, ao qual se dedicavam sem pestanejar; quando minha avó engravidou, nem sabia que suas águas se romperiam, só pensava em costurar com sua Singer usada, comprada em parcelas quando tinha dezesseis anos.

Tiveram três filhos. A primogênita já não está viva, e o caçula, meu pai, nasceu surdo.

Wanda, a tia que nunca cheguei a conhecer, morreu com três anos. Naquele dia, minha avó estava tingindo tecidos na banheira, com água fervente, para fixar bem a cor, e foi até o fogão, ou foi atender alguém que batia à porta. Esse detalhe muda toda vez que ela conta essa história. Ao voltar, encontrou a garotinha na banheira. Trocou-lhe as faixas por dias, usando óleo hidratante na pele franzida e delicada como teia de aranha, assistida por parentes e vizinhos; passados alguns dias, a filha morreu. Na foto do jazigo da família, a pele da menina aparece alterada pela pós-produção da época, com um vestido azul-celeste e cachos; já se tornara um fantasma.

Minha avó Rufina tem pouca escolaridade, mas usa os verbos com maestria, tendo, porém, o hábito de nomear as cores de modo peculiar, recorrendo a uma nomenclatura em vias de se tornar obsoleta; no seu mundo, não existem os azuis, existe a embalagem de açúcar e a centáurea. Quando vou visitá-la, ela me mostra luvas de couro ou saias de lã alisadas sobre a cama; se peço para pegar o par “marrom”, ela diz “cabeça de mouro”, corrige o rosa dizendo ciclame, distingue a cor da pervinca da não-me-esqueças; insiste em dizer que é importante chamar as coisas pelo nome, enquanto penso na sua filha morta por causa de uma cor.

Ela garante que o meu pai ficou surdo devido a um susto que ela, grávida, levou, enquanto esperava para atravessar a rua; um carro surgiu do nada, forçando-a a gritar no meio da pista. No começo, fingia que não era verdade, que ele podia ouvi-la, e mãe e filho nunca estiveram tão próximos como naqueles dias, ambos indiferentes às evidências. Meu avô não falava muito, deve ter sido alguma outra pessoa que violou a intimidade protegida das conversas entre mãe e filho para dizer que ela devia consultar um médico, pois o garotinho não respondia. Depois das consultas em vão nas clínicas, começaram as peregrinações: meus avós não tinham dinheiro suficiente para ir até Lourdes, mas meu pai conseguiu ser tocado pelo padre Pio, acordando ainda surdo e sem chagas. Desde pequeno, era muito irrequieto, mas só se tornou indócil quando o mandaram estudar num

colégio interno na via Nomentana.

Minha avó ia buscá-lo nos fins de semana, suportando várias horas de ônibus entre Monteleone di Spoleto e Roma, por estradas tortuosas em meio a bosques de coníferas e arrimos de ferro que seguravam a rocha, evitando deslizamentos, até que, num certo momento, ela e meu avô decidiram mudar-se para Roma a fim de tornar essas visitas mais fáceis. Fora uma das jovens mais belas do vilarejo, tinha uma postura correta, mas, como mãe, errou em tudo.

Na cidade, tornou-se porteira, mas não levava jeito para aquilo, lavava as escadas e não fofocava. O marido era ferrador de cavalos em Testaccio, isso já não acontece mais nesse local, entre os arcos dilapidados e as lojas, onde Roma era couro e ferrugem antes de se afogar no Tibre.

## Adolescência

“Não pode ser sempre você a protagonista”, vociferavam as colegas de turma fazendo gestos, enquanto a professora explicava algo na lousa; elas tentavam chamar a atenção da minha mãe chutando sua cadeira e derrubando os lápis.

Ela não levantava a cabeça e se recusava a responder, porém, quando as colegas de quarto insistiam em entender por que ela recebera o papel principal nos espetáculos de Natal ou do final do ano, ela respondia que era inevitável, pois era a mais talentosa de todas. Depois, tentava distraí-las, ajudando-as a encurtar as saias de lã, descosturando a barra com uma pequena tesoura. As garotas do internato passeavam pelo corredor puxando os fios da bainha, cada dia um pedaço a mais de pele para mostrar, na expectativa de visitar o instituto dos rapazes, o que acontecia mais ou menos uma vez por mês. Durante aqueles encontros, minha mãe via com frequência seu irmão Domenico, que era tímido e negativo, e tentava lhe arrumar uma namorada. “As surdas são engraçadas e desinibidas”, ela lhe dizia. E ele, temendo que as outras garotas surdas se parecessem com ela, deixava por isso mesmo.

Suas colegas de turma tinham certeza de que, depois de se formar, minha mãe tentaria uma carreira na dramaturgia — uma garota surda atriz é uma coisa tão óbvia, toda sua vida é uma performance —, enquanto as professoras queriam encaminhá-la ao instituto de artes. Ela desenhava muito bem, enchia os cadernos de corpos sem cabeça e olhos desenraizados dos rostos, porém, quando a elogiavam, ela dava de ombros: como era burra, era fácil atribuir-lhe um talento, só porque não possuía outra coisa.

O internato em Potenza oferecia moradia às garotas apenas até determinada idade, passada a qual elas tinham que voltar para



a família ou se transferir para alguma outra instituição.

Sua família estava do outro lado do oceano, então minha mãe se viu obrigada a pular de internato em internato ou a viver na casa de pessoas que acolhiam andarilhos em troca de dinheiro. Meu avô encontrava moradias temporárias para ela no sul da Itália através de um tabelião que era seu tutor, enviava-lhe cheques regularmente e telefonava com frequência. Toda vez que minha mãe sentia brotar o ódio por suas colegas de classe ou que um homem entrava no seu quarto à noite convencido de que ela não era capaz de gritar, ela corria até uma cabine telefônica e pedia às telefonistas que fizessem uma chamada a cobrar, então aguardava o toque regular e prolongado que indicava que ela estava em contato com os Estados Unidos, o único som que ela entendia de verdade e se dilatava em círculos concêntricos e vibrações no seu ouvido até colidir com o corpo todo após se transformar na voz de seu pai. Contava-lhe dos seus dias sem ouvir nem entender as respostas dele, mas conseguia interceptar uma corrente na linha telefônica que lhe dava a certeza de que seu pai estava do outro lado e ouviria tudo o que ela dissesse.

Às vezes, ele pagava a passagem para que ela fosse até Nova York, se encontravam na sala de desembarque do JFK, e meu avô estremecia à vista daquela filha inteligente e selvagem que estava ficando cada vez mais feminina, mas a repreendia por dizer muitos palavrões. No verão em que ela completou catorze anos, ele a levou a um consultório em Manhattan cuja propaganda ele vira numa revista, anunciando uma cirurgia para implantar um aparelho acústico capaz de restituir a audição. Depois de conversar longamente com a minha mãe, o médico disse que o caso dela não tinha solução. Meu avô deu um murro na parede do corredor. Depois, foram ao Soho comprar um casaco de inverno, ela queria um modelo esquimó. Minha mãe dizia “So-hó”. Na fotografia da Estátua da Liberdade que tiraram juntos durante um passeio em família, um dos dois escreveu “Niú-Ióre”.

Nos Estados Unidos, ela usava shorts que mostravam suas coxas morenas e torneadas; os vizinhos lhe perguntavam por que

tinha aquelas cicatrizes na perna esquerda. Uma vez se jogara nas chamas porque os gatinhos da casa de uma de suas famílias de custódia haviam se enfiado na lareira e ninguém tinha coragem de salvá-los.

Seu pai a levava a Coney Island e ficava completamente vestido na praia, apenas observando os mergulhos daqueles filhos ainda não americanos e já dispersos, atento para que não esborrachassem a cabeça nos molhes incrustados de algas, enquanto minha avó Maria ajoelhava-se sobre uma sarja de algodão para distribuir café e copos de plástico. Ria quando os vizinhos que haviam trocado recentemente de nome diziam-lhe que estavam ansiosos para vê-la de maiô — agora eram todos Mike, Joe ou Tony, e pensavam em sua vida italiana de antes com certo fastio —, mas ela nunca tirava a roupa, como o meu avô, que ficava de calça e camisa com os olhos fixos na água.

Ele estava pensando no filho mais novo, que lhe pedira dinheiro para comprar um violão, no mais velho, que falava pouco e fumava cigarros mesmo sem saber tragar direito; no filho mais bonito, que corria sempre o risco de levar um gancho na escola ou de engravidar as adolescentes do bairro, e só depois naquela garotinha que tinha aqueles arranhões rudimentares nas pernas, a qual ele só sabia presentear com vestidos para que ela causasse uma boa impressão nas escolas italianas que suspeitava que ela frequentasse pouco, embora tivesse sempre um boletim com boas notas para mostrar.

Para minha mãe, Coney Island era o fim do verão e os garotos que a espiavam furtivamente enquanto torcia os cabelos, criando poças lamacentas na areia, aqueles que se assustavam ao ouvir seus gritos desordenados toda vez que os amigos da família corriam e agarravam-na pelos braços e pelas pernas, decididos a catapultá-la na água, certos de que ela protestava apenas por timidez. A pele coberta de bronzeador ficava escorregadia e amarrotada por dias a fio, o corpo, já pronto para a crisma, deixara de crer nos sacramentos depois que ela se afastou das freiras, apesar de ela ainda não ter contado isso aos pais.

Todos iam para Coney Island naqueles anos, porém, há outras

praias que me fazem pensar em minha família.

Dead Horse Bay é uma baía pantanosa que, no passado, era circundada de matadouros de cavalos, incineradoras de lixo e fábricas que produziam óleo de peixe. Deve seu nome às carcaças dos cavalos, que, entre 1850 e 1930, eram usadas para fabricar fertilizante e cola. Uma vez desincrustados dos restos de carne, os ossos dos animais eram fervidos, as águas de descarte eram despejadas de volta na baía, sobre a qual pairava uma lufada radioativa e suspensa que transformaria qualquer ser humano num criminoso e qualquer criminoso num fantasma. Dead Horse Bay ganhou novamente outra função ao se tornar um aterro sanitário onde o lixo de Nova York era silenciado; o solo foi compactado para conter o entulho e isolar toda a podridão, porém, depois de uma enchente e de vários processos de erosão, o aterro começou a se desfazer e até hoje espalha seu conteúdo pela praia.

A Glass Bottle Beach em Dead Horse Bay está repleta de sapatos avulsos, de espuma leitosa de detergentes fora de linha e garrafas quebradas; parece que também há ossos de cavalo, mas nunca encontrei nenhum. De vez em quando, me deparava com casais que escolhiam com toda a atenção os restos mais estranhos para construir apanhadores de sonho, que penduravam no jardim, casais que se empurravam e depois lançavam pedaços de vidro na água, caçoando do próprio mau gosto. Há barcos no baixio da praia pintados por algum artista que deixou mensagens falando de paz ou do apocalipse, nada mais, nenhuma dedicatória pessoal de amor, e sobre as árvores que perdem pedaços da casca mesmo que você as toque de leve, deixando os dedos manchados de crisálidas e sal, há bandeiras americanas com cores enferrujadas e, portanto, erradas.

É um lugar encantado e solitário, repleto de urubus de lixão, no entanto, nenhum museu da imigração me lembra a minha família como esse cemitério de vidro localizado no Brooklyn. Meus avós tentaram fincar raízes num pântano e mudaram de profissão e sonhos toda vez que os Estados Unidos lhes pediam, apenas para encontrar uma espécie de sossego na perda acidental

dos objetos que haviam trazido consigo, objetos cujas marcas já não guardavam aderência com a realidade nem sequer tinham qualquer valor afetivo para uma família que se dizia sempre nova enquanto demonstrava sua eufórica e triste lixívia, como se fosse um aterro sanitário reconstruído.

Por volta dos quinze anos, minha mãe se mudou para Roma, e foi nesse período que aprendeu a fugir. A polícia a encontrava, com frequência, dormindo na Villa Borghese. Às vezes, ela saía à noite para se afastar da região de Boccea, onde ficava o internato — na época ainda um subúrbio —, e caminhava quilômetros a fio pelas malhas da cidade maltrapilha, entre campos de relva mal cuidada e pântanos salobros, em busca de um parque; então dormia em posição fetal debaixo das árvores, com as mãos apertadas entre as coxas, absorvendo o orvalho nas costas, até que o sapato de algum desconhecido anunciava, com golpes sobre o solo úmido, que alguém seguia o seu rastro, então ela se levantava e fugia de novo.

“Havia um lugar para dormir, havia comida. Havia pessoas que se preocupavam com você, por que ia embora?”, eu perguntava quando ela me contava dessas fugas, que eu imitaria, sem o mesmo sucesso, na minha adolescência.

“Queria me sentir livre.” As florestas e as estradas eram os únicos lugares em que minha mãe se sentia imune às agressões invisíveis pelas costas.

Quando pequeno, ele seguia o pai, Gorizio, enquanto ele ferrava os cavalos, roubava as ferraduras que eram descartadas das patas dos animais e as levava para os campos. Enfiava pedaços de madeira no chão, erguia as ferraduras ainda sujas de esterco e palha e as atirava, movendo os alvos sempre para mais longe.

Meu pai sempre se sentiu à vontade entre facas, rebitadeiras e pistolas.

Numa garagem, ele guarda a areia recolhida em todas as suas viagens à praia, divide-a em recipientes etiquetados com data e origem; em casos mais raros, descreve também as propriedades daqueles exemplares. Às vezes, ele presenteia alguém com uma

estrela-do-mar enfiada numa sacolinha de plástico, mas não sem antes pintá-la com alguma tinta fluorescente e vulgar. Num quartinho do fundo, há gavetas, iguais às usadas em lojas de ferragens para guardar parafusos, cheias de minérios e conchas. Certa vez, peguei um frasco cheio de fragmentos de pedras-pomes brancas, em cuja etiqueta estava escrito “Lua”.

Nos primeiros anos do ensino fundamental, durante algum tempo, também colecionei minérios, e nas minhas gavetinhas cheias de quartzo rosa e pirita eu anotava “Lava vulcânica”, “Marte” ou “Havaí”, e dizia aos meus coleguinhos de turma que o meu pai as trouxera. Naquela época, eu era capaz de chegar à escola com resíduos desfiados e etéreos de algodão hidrófilo e contar que tinha quebrado a janela e pegado pedaços de nuvem durante uma viagem de avião; às vezes, alguém acreditava. Eu e meu pai competimos para ver quem conta a mentira mais majestosa, animados pela mesma arrogância de nossas mentiras passarem batido.

No final do ensino fundamental, a mãe dele o matriculou num curso de perito de eletrônica. Ele gostava de mecanismos e do andamento dos planetas, suas escrivatinhas estavam sempre repletas de cadernos onde ele anotava a distância entre a Terra e o Sol e a latitude dos desertos. A vida parecia um programa de auditório na televisão, no qual o conhecimento era fragmentado em noções triviais e era fácil parecer inteligente esbanjando informações das quais seus pais não entendiam bulhufas.

Ele sabia selar cavalos e trabalhar a madeira, mas preferia montar objetos de modelismo e conectar vários sistemas elétricos entre si, alternando as instalações até brilharem com a tensão, tentando entender como a luz podia ser interrompida e voltar subitamente. Sempre foi sensível às variações de cor num cômodo.

As professoras diziam à minha avó que ele era bonito demais para ser eletricista e que deveria tentar ser ator. Rufina orgulhava-se dessa afirmação, porém, meu pai relutava, não queria se maquiar nem fingir. No verão, participava de competições de motocross com o irmão mais velho e outros

garotos do vilarejo em Monteleone di Spoleto. Não sei se ele ganhava porque não tinha medo de cair e corria mais do que os outros ou porque os outros o deixavam vencer na tentativa de fazê-lo feliz. Ele começava a ter as mesmas dúvidas, e aquela frustração, aquela raiva comprimida no peito, estava quase a ponto de soltar raios.

Sua mãe o levava a Ostia para nadar; com quinze anos, ele tinha o corpo elegante e tonificado dos garotos abastados. Tinha começado a fumar e a beber, mesmo não tendo amigos com quem fazê-lo. Na escola, era silencioso; no seu vilarejo natal, havia outros surdos, mas de idade diferente da sua, e não queria conviver com eles. Não gostava de gesticular, não o fazia nem com os pais, mas batia com a mão na mesa ou com o pé no chão quando queria chamar a atenção de alguém. Quando seus familiares tentavam gesticular para se fazer compreender, ele respondia com tapas, afastava as mãos que se agitavam ao seu redor num solavanco: preferia que as pessoas articulassem bem as palavras para que ele pudesse ler seus lábios, ele e minha mãe viviam a quilômetros de distância um do outro, mas haviam adotado as mesmas estratégias de dissimulação.

Há algum tempo, a ecologista Suzanne Simard demonstrou que a floresta é um sistema cooperativo e que as árvores “conversam” entre si para trocar substâncias nutritivas ou liberá-las em caso de ameaça: quando irrompe um incêndio, as árvores usam os *Mycorrhizal fungi* sob o solo para transmitir substâncias vitais aos espécimes mais jovens através de uma densa rede neuronal, a fim de permitir que as plantas mais fracas continuem vivendo. Antes de tropeçar nessas teorias, eu acreditava que o amor sempre coincidia com o destino e com uma forma assustadora de ignorância — não sabemos quem iremos amar, tampouco por que precisaremos desse amor. Porém, quando penso nas semelhanças entre meus pais, nas tardes melancólicas e raivosas da adolescência deles, ambos isolados, avalio a possibilidade de que o encontro entre duas pessoas não tenha tanto a ver com predestinação como com um mapa biológico que se mostra enquanto nos apaixonamos um pelo outro e

descobrimos que havia uma inteligência primitiva que governava nosso corpo e deixava partículas elementares no ar muito antes do encontro, de modo que elas atravessassem a cidade, as paredes de cimento e as membranas de pele para entrar em contato com substâncias semelhantes e desenvolver uma forma de resistência comum, uma defesa contra as ofensas do mundo: meus pais se encontraram mediante reverberações semelhantes às de uma floresta antes de um incêndio, não porque aquilo estivesse escrito; o futuro deles não estava impresso na marca-d'água de uma Bíblia ou de um velho horóscopo, era somente uma vibração particular no ar, um alarme invisível que convidava à sobrevivência.

Na adolescência, meu pai descobriu sua forma preferida de comunicação, o desaforo. Dava sumiço em pequenos objetos de decoração, inventava tropeços, escondia as tesouras e a caixa de costura de sua mãe, assustava as pessoas surgindo às suas costas. Não sabíamos aonde ia em seu tempo livre, mas já começara a fazer sexo com mulheres mais velhas do que ele, convidavam-no para suas casas e ensinavam-lhe o que sabiam. Deitado na cama, no começo da tarde, em apartamentos de paredes adamascadas, com luminárias alaranjadas e molduras bem lustradas que as viúvas mantinham sobre a mesa de cabeceira, meu pai percebia que não sabia cortejar as garotinhas da sua idade, cujo corpo ainda não era marcado pelas renúncias.

Mas até aquele corpo que lhe parecia tão belo e funcional teria se arruinado, mais cedo ou mais tarde. Os portadores de deficiência — qualquer palavra para defini-los é insuficiente, inadequada — são uma maioria escondida: apesar das máquinas e próteses que têm como objetivo comprovar que a morte não existe, quase todos, com o tempo, vamos perder algum superpoder, seja a visão, um dos braços ou a memória. A incapacidade de fazer as coisas que deveríamos poder fazer, a impossibilidade de ver, ouvir, lembrar ou andar não é uma exceção, mas sim um destino.

Mais cedo ou mais tarde, todos nós seremos portadores de alguma deficiência. Seriam aquelas garotinhas, aquelas viúvas,

que o tornaram dependente do sexo: em relação a elas, meu pai simplesmente vinha do futuro.

Quando nadava, às vezes desaparecia, avançava em alto-mar, sustentando todo o peso da água sobre a cabeça, impulsionando-se cada vez mais longe.



## Juventude

Minha mãe festejou seus vinte anos sentada nos paralelepípedos da Piazza Navona, com um bolo comprado pelos amigos que viviam na rua, como ela. Fizeram uma vaquinha e arrumaram o doce num pedaço de papelão para lhe fazer uma surpresa.

No centro, ela convivia com pessoas que haviam fugido de casa e homossexuais, apertando-os entre os braços enquanto se deitava na calçada, com suas bolsas de couro e suas camisas quadriculadas. Às vezes, ela chegava na praça com os cabelos vermelhos ou loiros e todos diziam que voltasse à versão original, mas ela era teimosa e mantinha a cabeça queimada pela tinta. Num verão, ela sumiu por três meses para andar sozinha pela Grécia, dormia numa barraca e se gabava de ter feito sorrir um daqueles guardas de pantufas que nunca se mexem. Entre seus amigos da época, havia uma garota de programa que mandara a filha estudar num internato suíço, onde praticava equitação, e um dos primeiros italianos a ter feito a cirurgia de mudança de sexo (depois disso, os pais dele mudaram de casa e trocaram de número de telefone sem avisá-la).

Eu não conhecia todas as palavras enfatizadas pela minha mãe quando contava suas histórias. Não sabia o que significava *prostituta*, por exemplo, e por isso uma vez perguntei por que ela também não podia ser uma prostituta e me comprar um pônei. Ela me vestia para me levar à creche, eu pulava na cama, espiava o seu sorriso indecoroso enquanto ela me enfiava uma camiseta na marra, numa manhã de luz branca no Brooklyn. Queria ouvi-la dizer que ela o fazia, se fosse necessário. Eu desconhecia aquela palavra, não sabia o que era uma prostituta, mas sabia que implicava um sacrifício que eu achava que merecia.

“Na verdade, eu tinha muitos amigos burgueses”, fazia questão de esclarecer de vez em quando, porém, a única forma

*image  
not  
available*

aquele plural se referia.

Apesar das emboscadas armadas por desconhecidos nos diversos vagões dos trens, ou dos garotos que lhe ofereciam rosas e diziam ser diretores de cinema prontos a lhe dar um papel, “tudo gente que ficou famosa depois de me encontrar”, ela nunca foi tão feliz em sua vida como naquele período, nem mesmo quando eu e meu irmão nascemos. Toda a felicidade que sentiu mais tarde foi contida, já alinhavada com renúncias, o reflexo de uma alegria que havia armazenado em outro lugar e às vezes conseguiu irradiar, enquanto, antes de encontrar meu pai, ainda imaginava que poderia se tornar pintora ou atriz de teatro, ou namorar um garoto com audição perfeita, alguém importante para apresentar aos pais; prosseguiria suas aulas de biologia na faculdade, as aulas gratuitas que o pessoal do trabalho lhe permitia frequentar para facilitar sua inserção social. Então, sua vida ainda podia transbordar, extrapolar as margens, e talvez fosse nisso que ela estivesse pensando quando passeava certo dia na ponte em Trastevere e encontrou

meu pai, que naqueles dias tentava morrer, por isolamento e por tédio.

Por meio de conhecidos de um tio democrata-cristão funcionário do Ministério da Agricultura, ele conseguira um emprego no Banco Nacional do Trabalho. Nas férias, ele viajava sozinho. Ia a Paris, Amsterdã ou outras cidades famosas por seus bairros boêmios, onde se fazia entender pelos taxistas graças à sua teimosia, mas não vislumbrava o sentido daquelas viagens. Pedia espaguete ao vôngole e bisteca malpassada, suas refeições quase nunca variavam, e chamava a atenção dos garçons com chicoteadas equestres. Nas boates, as garotas tinham compaixão do seu silêncio até não ser ele a calá-las.

Meu pai entrava num cinema com dezoito anos e saía como o protagonista de *Laranja mecânica*, mas incapaz de ouvir Beethoven, entrava no ano seguinte e era Marlon Brando em *O último tango em Paris*, em luto por todas as mulheres com quem não se casara, com vinte e três anos ia ao cinema e se

## Casamento

Toda manhã, minha mãe se levantava para ir ao escritório da Agip Petróleo, um edifício de vidro com vista para o lago do Eur, onde trabalhava como estenógrafa e ganhava um salário que lhe permitia comprar casacos de camelo e botas de couro como as garotas que ela via nas revistas. Meu pai, no mesmo horário, ia a uma antiga agência do BNL, e nenhum dos dois recolhia do chão as bitucas de cigarro nem os lenços usados. As paredes daquela casa transpiravam fumaça, e os móveis estavam cobertos de um pó açucarado, as mesinhas de café soterradas sob palavras cruzadas. Ele colecionava *Dylan Dog* e *Tex*, ela lia quase que exclusivamente romances cor-de-rosa, com certa preferência por aqueles ambientados nos ranchos de montanha.

Casaram-se durante uma breve viagem para os Estados Unidos, quando foram visitar meus avós maternos; naquele dia, minha mãe vestia calças boca de sino brancas e uma camiseta listrada. Meu pai tirou uma foto dela enquanto estava parada no semáforo. Disse-lhe para não se mover e atravessou a pista correndo; ela estava de olhos fechados devido ao sol, sorrindo discretamente e sem saber o que fazer com as mãos. Depois, foram comer peixe em Chinatown e pararam para comprar quinquilharias nas barraquinhas, mas não há anéis nem testemunhos escritos sobre aquele dia.

Pouco depois de voltarem a Roma, ela engravidou do meu irmão. No refeitório do trabalho, sempre pedia bisteca grelhada e salada, o medo da gravidez convenceu-a a comer sempre as mesmas coisas e tentar não ganhar peso, ainda que já fosse seca pela falta de amigos: aos conhecidos na Piazza Navona não tinha nada para contar sobre seu trabalho no escritório, que a sogra lhe arranjava, e não podia apresentar meu pai às suas amigas respeitáveis por temer que ele começasse a cortejá-las.

*image  
not  
available*

pacientes sem um maço de flores e com uma agente de trânsito a tiracolo, que acabara de multá-lo. Estabelecida a inviabilidade de um divórcio com base num precedente tão previsível e banal, decidiram fazer as pazes, e passei os primeiros anos da minha vida num apartamento cheio de quadros deixados pela metade e portas desencaixadas e pintadas que não levavam a lugar algum. Naquele período, meus pais eram artistas, ou assim diziam, mas no tempo livre recebiam os subsídios de um esboço de Estado social.

Às vezes, como prova da sua abnegação, meu pai lhe pedia que bebesse detergente ou aguarrás diluídos em água. A aguarrás deve ter ficado em seu sangue, já que, por aquela época, minha mãe se tornou pintora. Seu primeiro desenho é de poucos meses antes do meu nascimento, uma lua quase sufocada pelas samambaias tracejadas a lápis. Logo parou de usar lápis e pincéis e começou a pintar a óleo usando as mãos, como as crianças; eu a abraçava e sempre ficava fedendo a fumaça e terebintina.

Nos anos 80, meu pai trabalhava numa empresa de construção civil. Através dos estranhos conhecidos dos meus tios, ele entrara na New York State Laborers' Union, a elite da classe operária e manufatureira da costa oriental. Sua habilidade com a carpintaria — comparável à que tinha no pôquer — rendeu-lhe o apelido Mão de Ouro, e ele logo encontrou uma série de assistentes porto-riquenhos que carregavam suas ferramentas de trabalho até a obra. O mestre de obra, antes de deixá-los subir nos edifícios mais altos, distribuía doses mínimas e calibradas de cocaína para que não sentissem náusea, era uma forma de segurança no trabalho.

De dia, meu pai construía casas, de noite, destruía casamentos.

Minha mãe pouco falava com ele e saía sempre com sua melhor amiga, Lucy, uma americana de origem siciliana que namorava, clandestinamente, meu tio Arturo, que sempre se enfiava em alguma enrascada. As famílias eram hostis àquela união — Lucy era jovem demais e meu tio, um arruaceiro —, mas eles continuavam a corte fora dos portões de casa. Minha

*image  
not  
available*

ninguém. Ao chegar lá, em 1990, ela tinha trinta e quatro anos, as roupas todas manchadas de tinta, os cabelos quase raspados e uma dependência alcoólica não diagnosticada, e descobri que estava divorciada quando nos faziam desenhar nosso núcleo familiar nas aulas, ou quando os padres lhe negavam a comunhão durante as crismas católicas de que eu e meu irmão participamos sem pensar muito a respeito, em nosso espontâneo desejo de absolvição.

Meu pai vinha nos visitar na Basilicata sem avisar, às vezes derrubando a porta a pontapés, mas quase sempre me usando como mediador diplomático. E, da mesma forma que minha mãe muitos anos antes, eu o encontrava assim sem pré-aviso na frente da escola, apoiado num dos seus carros azul-petróleo da Fiat, que ele jamais trocava, mesmo depois de tantos acidentes; comprava sempre o mesmo modelo do carro anterior que havia sofrido perda total. Eu também o reconhecia por algum detalhe que se distinguia do resto: as bitucas de cigarro, os jornais amarelados no banco de trás, sem nunca conseguir compor por inteiro a sua figura, como a caça que entende que é caça ao perder o campo de visão.

Em casa, ele se inclinava sobre a mesa da cozinha e pedia à minha mãe que extraísse os fragmentos de vidro do jipe que ficaram encravados no seu couro cabeludo depois do acidente e que, segundo ele, não tinham sido bem aspirados pelos médicos americanos. Os vidros pulverizados eram o motivo pelo qual ele coçava sempre a cabeça e não conseguia dormir. Minha mãe pegava uma lanterna e uma pinça de sobrancelhas e se debruçava sobre ele na tentativa de encontrar alguma coisa, uma varredura sombria. “Eu nunca o amei”, ela afirma ao falar sobre aquele insólito cuidado, “mas fui sua única amiga. O amor entre surdos não existe, é uma fantasia dos ouvintes. Há sexo, intimidade, mas não há essa necessidade. A similitude vem antes de qualquer coisa.” Minha mãe se prestou àquela atividade por anos a fio, os vi reclinados sob uma luz artificial em busca de um remédio para o acidente. Não havia vidros, os dois sabiam.

Lá pelos quarenta anos, ele entrou num cassino esloveno com



*image  
not  
available*

entrincheirar num quarto, sem um lugar aonde ir além de um shopping center ou de um porão onde se entorpecer.

Nesse meio-tempo, a coleção de romances cor-de-rosa da minha mãe crescia: não havia livrarias por perto, mas as bancas locais lhe permitiam comprar histórias em quadrinhos para a gente e colecionar milhares de títulos da Harlequin Mondadori. [8] Quando não estava pintando, eu a via fechada num quarto tentando organizá-los por cor: o rosa indicava histórias românticas centradas na solução de um mal-entendido, mas que não continham cenas de sexo; aqueles cor de vinho eram vagamente eróticos, os verdes pertenciam à categoria caubói, enquanto o azul-claro era reservado para as histórias que envolviam doenças. Volumes com a página de rosto dourada indicavam uma trama complexa ou de fundo histórico; mas, apesar das paixões, contágios, casamentos ou outras coisas que se pudesse contrair através daqueles livros, a vida sentimental de minha mãe saiu imune.

Eu e meu irmão podíamos perdê-la de vista: às vezes, ela saía para passear, dormia na rua, andava sozinha por quilômetros no escuro, principalmente quando chovia, e nós nos acostumamos à nossa vida anárquica, que consistia em descascar mexericas no sofá enquanto assistíamos a filmes de terror. Era uma existência sem horários, na qual não nos fazíamos muitas perguntas: nos preocupávamos um pouco que ela pudesse se machucar ou não voltar, mas seguíamos em frente.

Apesar de uma vida desregrada à base de leite e cereais, também tínhamos nossas férias no Brooklyn, roupas de marcas que na época ninguém ainda conhecia e, não obstante a diferença de idade, meu irmão era o meu melhor amigo, a única pessoa com quem eu queria estar. Era o garoto mais lindo que eu já tinha visto. Quando ele começou a sair com as minhas colegas de turma, eu o esperava escondida na sua cama para que ele me contasse o que tinha acontecido e, tão logo ele dizia que as beijara, eu enfiava a cabeça debaixo do travesseiro, fingindo ter vergonha. Eu sentia falta da minha mãe quando ela desaparecia, mas ela era uma nebulosa, e meu pai uma galáxia negra que

*image  
not  
available*

roxa em suas mãos, que faziam com que um garotinho antipático a chamasse de “Michelangelo”, a preocupação que ela tem toda vez que pego um avião sem que ela saiba exatamente o horário de partida, informação que evito lhe enviar para não receber notificações sobre os terremotos na Guatemala e seus possíveis efeitos nas torres de controle destinadas a me entregar num lugar determinado do mundo, eu que não quero saber nada sobre as fissuras da terra porque já tenho minha mãe que é um tremor harmônico que a tudo devasta. Ela sai dos provadores balançando a cabeça ou deixando para trás todas as peças que lhe caem bem, levando consigo a única roupa que detestei e que a deixa ainda mais igual a si mesma.

Há alguns anos, a acompanhei quando foi comprar uma roupa de festa num grande shopping de Londres. Depois de diversas lojas e roupas experimentadas e separadas, perguntei-lhe o que ela estava procurando, nervosa com sua volubilidade. Ela me olhou como se a pergunta fosse realmente boba e me respondeu: “Não suporto a ideia de que ele me veja malvestida”. Meu pai estaria presente na cerimônia: as coisas tinham terminado em sangue da última vez em que haviam se encontrado, e, desde esse dia, não fizemos outra coisa senão controlar a distância entre eles. Comecei a rir e me apoiei na parede da loja, com cortes de cetim e rendas que ela não queria amarrotar, depois deixei-os cair no chão, mesmo com as atendentes de olho em mim, enquanto minha mãe me olhava completamente envergonhada.

Ele tornou a vida dela um inferno, eles não se falavam mais, mas ela queria estar bem-vestida? Esse era, porém, o modo de se comunicarem.

No dia em que se encontraram, ela se escondeu atrás de mim para não ser vista, em meio aos demais convidados que não entendiam o que estava acontecendo, até que ele se limitou a fazer um gesto. Levantou a mão e chamou-a com o indicador como se estivesse pescando uma garotinha fora da escola e como se ainda estivesse apoiado num carro em frente ao colégio para surdos da rua Nomentana, como há muitos anos.

*image  
not  
available*

## Estados Unidos

### *As guerreiras da noite*

Quando criança, eu tinha uma ideia bem precisa de como iria morrer: envenenamento por criptonita, exalações tóxicas vindas de uma central termonuclear e jejum forçado pelo fechamento de um bunker contra os ataques químicos dos russos. Nas minhas fantasias de conspiração, tudo era sempre culpa dos russos: eu tinha cinco anos e era 1989 em Nova York. Não foi o melhor ano para a URSS tampouco para a Guerra Fria, mas os soviéticos fizeram algo pior do que ameaçar os Estados Unidos com seu programa aeroespacial e suas temíveis ginastas durante as Olimpíadas: eles se mudaram para a nossa vizinhança. Circunstância bem mais grave, minha mãe tinha feito amizade com alguns deles. Desconhecidos, com seus casacos de couro, armações de óculos cor de quartzo e o nome impronunciável de alguma de suas amigas que ia jantar lá em casa e se animava subitamente, as risadas com golpes de tosse seca por causa de complicações de doenças pulmonares contraídas naquele país hostil e de ficção científica.

Os russos não eram os únicos estrangeiros na vizinhança. Havia as filhas dos pedreiros que faziam consertos para a empresa do meu tio Arturo, um zelador com botas de caubói e bigodes de mariachi que havia namorado pelo menos uma vez com todas as vizinhas do prédio. Aquelas garotinhas falavam espanhol e às vezes vinham comigo até o último andar para encontrar Jenny, que tinha sempre a mesma idade, noventa e nove anos, e desaparecia sob o robe lilás, presa no andador.

Meu avô Vincenzo cobrava um aluguel reduzido no predinho de quatro andares com tijolinhos à vista e uma porta verde cor de garrafa, que ficava no cruzamento da 14<sup>a</sup> Avenida com a

*image  
not  
available*

da aposentadoria e sempre me provocavam fortes risadas.

Como meu avô, esses homens voltam a desabrochar quando ouvem uma canção num dialeto do sul da Itália, são presenças vívidas, apesar da implausibilidade dos seus ensinamentos: pego aviões com certa frequência, mas ninguém corre atrás de mim nos aeroportos para impedir que eu suba a escadinha como faziam os velhos neomelódicos, ninguém vem gritar comigo para que eu não parta porque senão acabará se despedindo da própria vida, e assim fico pensando em quantas mentiras me contaram a respeito do amor: não era verdade que, se tivesse subido no altar vestida de branco e levando um crucifixo brilhante no pescoço, eu teria encontrado o melhor garoto da escola, um futuro empresário ou dono de restaurante, disposto a cometer qualquer crime para me ter a seu lado, não era verdade que, se fosse casta e boa aluna, eu teria o casamento mais suntuoso de todos, com candelabros em forma de gota no salão de dança e tios bêbados que se comoveriam no momento certo.

Mesmo porque os candelabros em forma de gota davam azar: no dia em que Anna Banana, a vizinha magra e loira, se casou, o candelabro caiu em cima dela e do marido durante a primeira dança no salão de festas; eles se divorciaram pouco tempo depois. Todos gostavam da Anna moça, mas, quando meus tios foram verificar no Facebook como ela se parecia atualmente, fecharam de imediato a janela do navegador, envergonhados de tê-la beijado. Depois, segundo minhas tias, eu não deveria me apaixonar por um dono de restaurante ou pizzaiolo ítalo-americano: esses trabalhavam demais, traíam tão logo tivessem uma oportunidade e erguiam as mãos se as coisas não fizessem sentido.

Minha avó Maria nunca falava a respeito dos homens, diferentemente da sua irmã Giuseppina, que chegou a Bensonhurst depois de fugir do vilarejo da Basilicata ainda menor de idade; tinha dezesseis anos quando desembarcou no JFK.

Os homens da família faziam chacota quando ela aparecia nos almoços de domingo. Tinha duas filhas, teimava em usar minissaia de couro mesmo sendo corpulenta, descoloria os



*image  
not  
available*

mas já deitava nos trilhos dos trens e faltava às aulas.

Uma vez, a polícia veio até a nossa casa porque minha mãe registrou que ele estava desaparecido, de fato não apareceu antes da hora do jantar. Meus tios lhe disseram que parasse com aquelas proezas, que ele tinha que se tornar o homem da família. Eu, pelo contrário, sentia medo da vida secreta que ele levava sem mim, aquilo me deixava confusa e enciumada, porém, apesar das chateações que ele me infligia, quando era desobediente, ele também o era por mim. Um dia, colou chiclete nos meus cabelos, forçando minha mãe a cortar minha franja bem curta com a tesoura de cozinha; com quatro anos, eu parecia uma daquelas cantoras pálidas de música punk, com ossos de passarinho, que anos depois eu veria nos folhetos de Astor Place.

Nos filmes a que eu assistia com meus pais, as garotas estavam sempre suadas e eram sempre rebeldes, e, porque exibiam *Grease* ou *Os selvagens da noite*, mesmo as tímidas tinham que se converter à malícia se quisessem sobreviver. Eu as via na frente da escola, quando saíam do ensino médio, ou pela rua, à noite, quando eu e minha mãe voltávamos da *drugstore* e éramos iluminadas pelos postes de luz: deitadas sobre o capô dos carros, nos Lincoln azul-petróleo ou cor de ferrugem, reclinados sob o peso delas, que faziam poses de modelo, sem sutiã, imigrantes, cada vez menos religiosas. Eu ficava observando, da janela do meu quarto, quando elas colocavam latinhas de cerveja ou Coca-Cola sobre a veia do pescoço e espantavam os pernilongos, depois adormecia pensando que meu destino seria me apaixonar e me tornar uma boa republicana.

Minha avó começou a me mandar fazer entregas pelo bairro quando eu tinha cinco anos, pegava uma bolsa preta igual à dos médicos das tirinhas da *New Yorker* e a enchia de mussarelas endurecidas e boas para colocar na pizza, que pegava escondido do restaurante onde trabalhava na rua 54.

Ela já não entendia tão bem o italiano e falava num dialeto intencionalmente engraçado: dizia “Bruklí”, em vez de Brooklyn; “aranó”, no lugar de “*I don't know*”; “bega” por

*image  
not  
available*

tornaria uma história de contínua salvação, um progressivo deslumbramento pelo fato de me manter incólume —, descobri que, por um breve período, vários anos antes, meus avós haviam pensado em adotar uma adolescente vietnamita. Minha avó ficara triste vendo uma reportagem sobre os órfãos de guerra, mas então minha mãe teve uma crise de ciúme e aquilo não deu em nada.

Minha avó tinha um fraco por garotas desaparecidas.

Uma manhã, acordei para tomar café e a vi sentada no sofá, chorando diante de um programa da Rai Internacional, na sua confusão entre as línguas. Num certo momento, ela levantou rapidamente e correu para telefonar para sua cunhada Carmela, que vivia a algumas quadras de distância, acabara de ver uma reportagem especial sobre o desaparecimento de Ylenia Carrisi. No meu imaginário infantil, a filha de Albano e Romina era como Laura Palmer; só que nascida na Itália. Eu não conseguia distinguir o rosto das duas, nas horas inquietas do sono nos dias de escola, ambos apareciam para mim perfeitamente sobrepostos: nas águas podres de New Orleans e dos riachos de Twin Peaks, entre os músicos de jazz, o vodu, as frases enigmáticas pronunciadas antes de um suposto suicídio, a loja negra e uma garota loira que acabava no nada, mas que, cedo ou tarde, ressurgiria como uma virgem vestal azulada dentro de um saco plástico.

Toda vez que nossas mães queriam nos assustar, aprendi isso no sul da Itália, nos diziam que o homem que fazia perucas para as garotinhas com câncer viria para cortar nossos cabelos às escondidas, fazendo com que acordássemos com as pontas secas e cortadas como num hospital psiquiátrico, antecipando todos os nossos gritos afônicos diante do espelho, os que teríamos perdido no vazio sem sabê-lo, por culpa de um homem que às vezes era um lobisomem. Se não prestássemos atenção, até nossos pais poderiam se transformar, como o da Laura Palmer, como o meu também: sou de uma geração de garotas que se tornaram adolescentes imaginando que alguém como Bob poderia vir e morder nosso pescoço.

*image  
not  
available*

que lhe dizia respeito, o ápice da glória foi ter a barba feita pelo mesmo senhor que atendeu o comentarista Bruno Pizzul, de passagem por Nova York para o primeiro jogo da Itália contra a Irlanda. Decidi acompanhá-lo, era a primeira vez que eu entrava numa barbearia, e nunca mais haveria lugares tão românticos: todos os espelhos tinham a mesma tonalidade de água de colônia vencida, com furos que faziam pensar em algum experimento químico fracassado, uma lenta corrosão de buracos negros e nitrato de prata. Meu avô costumava fazer a barba sozinho, porém, não conseguiu resistir àquele momento de celebridade.

Lá fora, o ar estava sempre seco, a sesta prolongada e as bandeiras tricolores da Itália desbotavam rapidamente. Os vendedores chineses na rua 18 ofereciam versões de poliéster a um dólar, a concorrência exibia fotografias de Roberto Baggio para emoldurar, com uma mancha de canetinha azul que imitava um autógrafo. O jogador que erraria o pênalti na final contra o Brasil, a morte se aproximando da minha família, uma epidemia melancólica e despercebida que eclodia durante aquele verão.

*image  
not  
available*

levou à sorveteria. Eu estava sentada num banco de madeira, ocupada com meu copinho, quando ele me disse para experimentar seu sorvete. Ele chegou perto de mim e aproximou sua pазinha, e, na hesitação que se seguiu, percebi seu corpo flácido e abatido pela vergonha que carregava no olhar. Ele estava a ponto de retirar o braço quando avancei e experimentei um pouco do sorvete dele, para demonstrar que podia fazê-lo e que, ao contrário dos demais, eu não tinha medo.

Há gestos que achamos que não nos pertencem, decisões arriscadas que nos definem para a vida inteira, enquanto não nos damos conta de que eram nossos desde o princípio, que os controlávamos e possuíamos. Não eram acidentes, mas sim traduções de uma língua mais profunda. Se foram negados ou atribuídos a algo alheio a nós mesmos, é simplesmente porque foram interpretados erroneamente: sou alheia ao heroísmo daquele impulso em direção a uma pessoa doente e também à ternura que devo ter sentido pelo meu tio, a vontade de não deixar uma pessoa sozinha em uma simples refeição, tudo isso sucumbe diante da realidade das minhas motivações. Não havia em mim o desejo de salvar outra pessoa, havia mais um desejo de aniquilamento.

Um dia subimos o World Trade Center, foi uma das últimas coisas que fizemos juntos. Ele gostava de edifícios altos, de mulheres que sabiam dançar. Nunca se preocupou com gastos, porém, quando adoeceu, o banco lhe tirou tudo que conquistara na vida para quitar as contas do hospital. O predinho entre Dyker e Bensonhurst, que meu avô conseguiu comprar e onde todos nós moramos por algum tempo, também foi hipotecado pelos mesmos motivos. Atualmente, está decrépito, infestado de fios enferrujados e ferramentas de trabalho, mas mesmo assim ainda vale um milhão de dólares: meu avô pagou sessenta mil dólares, pedindo dinheiro emprestado a todos, a quem duvido que tenha devolvido. Vovô Vincenzo sempre dizia que trabalhava para adoecer, trabalhava para morrer. Umас quatrocentas pessoas devem ter comparecido ao funeral do meu avô, mas muitos menos compareceram ao do meu tio, a doença o



*image  
not  
available*

que dava pulseiras da Tiffany de presente às esposas de funcionários com décadas de trabalho na firma, que passavam as férias de Natal diante da tela do computador. Depois de contratado, ele se mudou para uma casa em Nova Jersey, ele e os colegas viviam em casas idênticas, com carpete lilás e uma piscina elevada cheia de boias de brinquedo que iriam desaparecer pouco a pouco no armário de ferramentas. Com os mesmos óculos de sol e bipes que davam às suas calças uma dobra engraçada, sempre deixavam distraidamente gorjetas generosas aos garçons e tocavam as filhas de uma forma que meu pai não me tocava.

Em 2008, eu estava num churrasco no jardim da sua casa quando ele largou tudo para ir buscar o amigo que lhe dera aquela dica sobre o banco Goldman muitos anos antes: precisava de uma carona para buscar seus pertences no escritório. Acabara de ser demitido num plano de racionalização dos recursos humanos. Jovem demais para se aposentar, o amigo do meu tio voltou ao mercado de trabalho como motorista de ônibus. O empréstimo da casa já estava quitado, algum hábito deveria ser mudado. Não tardaria, o alívio de Paul por não ser também demitido tomou um rumo diferente, assumindo a forma de uma inquieta expectativa; andava pela casa nos dias de folga com um olhar absorto, desacelerado pelo diabetes dos zumbis. Longas noites em que passava avaliando os currículos de garotos mais jovens que ele e que trabalhavam em Pune ou em alguma outra cidade do subcontinente indiano, garotos que ele devia preparar para ocupar sua vaga, ainda que ninguém dissesse isso expressamente. Algum tempo depois, ele mesmo pediu demissão e, depois de quase trinta anos de Goldman Sachs, voltou um dia para casa com uma caixa cheia de lembranças acumuladas no escritório, como aquelas que ficaram conhecidas depois da falência do Lehman Brothers, só que não havia nenhum repórter para fotografá-lo.

É a única pessoa que ouvi dizer “*America is the land of opportunity*” sem criticar, com uma expressão grave e profética. Para os demais, aquilo só era verdade no Quatro de Julho;

*image  
not  
available*

## O aterro

Quando eu era pequena, meus parentes não me levavam ao Natural History Museum nem ao Metropolitan, mas sim para ver as casas dos ricos. Os passeios em família eram peregrinações em Dyker Heights, para ver os casarões em que moravam mulheres que, todas, se pareciam com as esposas de John Gotti ou de outros filiados à família Gambino, ou em Holmdel, em Nova Jersey, onde até hoje vivem os CEOs das grandes empresas de Nova York. Entrei em todos os arranha-céus de Manhattan cujo acesso era aberto ao público na época. Passei horas no Empire State Building e no Trump Plaza comprando lembrancinhas horríveis que minha mãe guarda até hoje — ímãs de geladeira e chaveiros desbotados —, e toda vez que eu tentava desviar para um destino mais adequado aos meus interesses de garotinha, me reconduziam à Quinta Avenida para que eu aprendesse que, naquele país, tudo era possível. Mesmo naquela época, Donald Trump já estava por toda parte: aparecia nos filmes de Natal e lembrava um tio bondoso e um pouco bobo que só queria divertir a todos.

Mesmo tendo passado a infância sonhando em ter sido adotada por uma família judia do século XX que espalhava romances da Europa Central no tapete da sala, a verdade é que meu avô adorava Rudy Giuliani até ele decidir limpar Midtown, e ele se convenceu de que seu bairro no Brooklyn seria invadido por usuários de heroína e bares da luz vermelha. Para os ítalo-americanos, a tutela do próprio espaço conquistado com dificuldade vinha sempre em primeiro lugar, antes do bem coletivo.

No ensino fundamental, a professora de italiano nos fez ler um livro que contava a história de um garotinho americano que, depois da eclosão da Guerra do Golfo, entabulava todas as noites

*image  
not  
available*

## Itália

Quando o sol se põe na Basilicata, o céu se torna um pulmão que expectora sangue, sua luz provoca mais tosse do que comoção. Mas, antes de chegar aos barrancos, aos hotéis de tijolinhos à vista abandonados, próximos dos postos de gasolina com nomes grandiloquentes e das piscinas infestadas, é preciso passar ao lado das torres de petróleo que brilham durante a noite com seu laser verde e vermelho que faz pensar num futuro pré-histórico — tudo o que é novo se ossifica rapidamente por aqui, torna-se uma substância mineral que reflete uma luz morta e belíssima —, e depois deve-se passar por uma represa natural, uma extensão de água verde entre os bosques, sobre a qual raramente brilha o sol e da qual sobem fumaças esbranquiçadas pela manhã. E é só depois de ter adentrado as curvas que contornam a represa, no meio dos riachos em que a água aparece e desaparece com a cumplicidade das árvores finas e escuras, que num certo ponto a paisagem se abre e torna-se quase um deserto, e o âmbar queimado do sol se transforma numa substância muito mais rarefeita e hipnótica.

Há uma estrada estadual vigiada por duas penhas rochosas, e foi lá que eu cresci.

A primeira casa em que moramos era de dois andares, a proprietária era a professora de francês do vilarejo. Assim que entrei, lhe perguntei o que eram todos aqueles anzóis de metal pendurados no teto: serviam para pendurar o porco, o alho e a pimenta seca, mas nunca os usamos. Quando fomos embora, deixamos uma mancha indelével no piso porque minha mãe tinha bebido um pouco a mais e se sentido mal, os ácidos do vômito imprimiram-se nos ladrilhos. A professora de francês contou por aí, mas nós já tínhamos encontrado outro lugar para alugar.

*image  
not  
available*

walkman. A professora não se deixava intimidar e depois de ter recuperado a chave do sótão dos vizinhos se pendurou nas telhas para vir me salvar. Eu não podia continuar assim, não podia continuar a tatuar meu braço com a caneta Bic, as tatuagens eram para pessoas muito mais aventureiras do que eu, os marinheiros e as dançarinas do circo.

Fui forçada a buscar a colaboração da minha mãe, que em seu atordoamento não suportava me ver chorando e estava disposta a não me mandar para a escola e a assinar todas as justificativas, fazendo-me ler o que eu quisesse na hora de dormir.



*image  
not  
available*

passávamos uns para os outros e inventávamos aquelas crônicas em voz alta até o sol desaparecer e as mães dos outros começarem a gritar que eles deviam voltar para casa. Havia algo na atmosfera daquele vilarejo que às vezes me levava a crer nas visões da minha mãe. Eu pensava sobre isso olhando fixamente os pastores locais, que, voltando das pastagens, enfiavam as mãos entre as chamas na lareira e nunca se queimavam.

Assim que cheguei à escola me advertiram sobre um senhor idoso com uma corcunda e que se transformava em lobisomem: durante as festas do padroeiro em agosto, eu voltava sempre depois da meia-noite, tinha de passar em frente à casa dele e não podia deixar de espiar pela janela, quase esperando que ele rastejasse perto do muro e mostrasse seus dentes amarelados.

Meu pai já tinha me mostrado *Drácula de Bram Stoker*, embora fosse proibido para garotinhas da minha idade; fiz manha até ele comprar o VHS pirata numa banquinha, durante as férias de Natal. Os contos que comecei a escrever logo depois de ter visto o filme de Francis Ford Coppola eram cheios de mocinhas casadouras pouco obedientes, corruptíveis, pálidas como Winona Ryder. Da mesma forma que eu devia ser corruptível para o colega de classe que me pediu para levar o VHS a sua casa para vermos juntos, com a desculpa de fazer lição de casa. A mãe dele entrou bem quando as vampiras decotadas estavam para atacar o pobre Jonathan Harker. Começou a gritar para que víssemos um documentário sobre golfinhos na tentativa de nos fazer esquecer os olhos vermelhos dos vampiros, mas era tarde demais. Eu achava aquele garotinho simpático porque na escola foi o primeiro a conversar comigo e me oferecer uma bolacha, quebrando o feitiço da minha solidão.

Havia quem jurasse que durante o inverno, ao lado da ponte que separava a parte antiga do vilarejo da nova, descia uma neblina para permitir que um cavalo branco se lançasse numa corrida desenfreada e se jogasse além da ponte, mas nunca eram encontrados os restos; nunca mexi com a ponta do sapato no corpo suicida de um Ichabod Crane estendido no chão. Meu preferido era o engenheiro naval que enlouqueceu por ser muito

*image  
not  
available*

minha mãe não se magoasse com aquela trapaça.

Meu sequestro teve uma função fundamental: me mostrou que eu era mais astuta do que meus pais, e que já não era mais uma garotinha. Não podia tomar banho com a porta aberta, tinha de me trocar sozinha e não podia mais dormir com um homem, ainda que fosse da família. Também me fez entender que — apesar de todos os meus esforços e o calendário das regras — eu não era normal. A professora de matemática, a mesma que veio me salvar no telhado, explicou muito bem na sala de aula quando voltei, quando eu ainda era uma ilha na carteira no meio da turma, as águas estagnadas ao meu redor. Depois de ter falado com a polícia no corredor, bateu a porta e disse isto mesmo: “Não é normal ser sequestrada por um genitor, não é normal ficar lendo no telhado, não é normal ir passear pelos vilarejos debaixo de chuva”, de um modo tão severo que rapidamente fez congelar até os meus colegas de turma, não tanto por solidariedade a mim, mas porque começavam a se perguntar, eles também, sobre todos os modos em que não eram normais, ou poderiam não o ser suas famílias.

Foi assim que comecei a ir para a escola com maior frequência, até que comecei a ir todos os dias, e aprendi a não cometer erros de pronúncia; abandonei qualquer tentação de conhecer o dialeto.

A solução dos professores, após meu sequestro e outros fenômenos de clara marginalização social, por causa dos quais eu e meu irmão em geral nos tornamos supereducados diante dos assistentes sociais, foi me dar o papel de protagonista na peça de Natal.

Na peça de Natal, eu seria Nossa Senhora, o papel de José foi dado ao primeiro da turma. O anúncio provocou pânico entre minhas colegas, que começaram a chorar e a se queixar com seus pais. Toda aquela histeria terminou no momento em que as professoras comunicaram que seria uma natividade especial: Maria e José, na verdade, eram dois imigrantes marroquinos que chegaram ao país depois de uma longa viagem. Maria estava para dar à luz Jesus, e durante a peça os aldeões desconfiados

*image  
not  
available*

adiante por pulos, e foi bastante tácito no dia seguinte, diante de uma leitura tão rápida, decidirmos namorar. Ele era da região da Campânia, magrelo e com nariz adunco; desde pequena já tinha minhas prerrogativas. Depois chegou uma garota magra de biquíni para perturbar o sossego, aquela relação feita de livros e sorvetes e ausência de beijos. Encontraram-se quando fiquei ocupada com as atividades do meu grupo, ela tinha acabado de chegar. Ela era efébrica, boca suja, tinha os cabelos da cor das cinzas e um rabo de cavalo feito só de pontas duplas. E tinha seus tormentos: vinha de uma família em que havia brigas e dependência química, corria o risco de ser dada em custódia junto com a irmã mais nova, todos os seus relatos eram uma via-sacra de cenas magistras — a prisão, os tios perversos e as famílias de adoção —, e senti uma dor de estômago atroz, estava lívida na praia, pensando que tinham me tirado até aquilo: o privilégio do sofrimento incomparável. De que serviria a história da minha família se não pudesse chantagear a todos com sua tragicidade?

A garota tinha sofrido mais do que eu; não podia competir com seus estados de abandono. Até o fato de meus pais serem portadores de uma deficiência parecia medíocre perto da épica de pistolas e prisão; o meu era um trauma de perdedores, ser portador de uma deficiência interrompe qualquer desejo, é algo que se compreende mesmo quando criança. E o menino da Campânia me disse isto, uma noite no parquinho: que não sabia escolher. Que a outra precisava mais de um namorado, que era mais frágil e eu, mais forte. Não disse que ela era magra e eu não, que era loira e eu não, não disse que eu queria falar sobre livros e ela queria que lhe tocasse as coxas: disse que ela tinha mais necessidade de ser amada, e eu fiquei zozza olhando para ele sob as luzes dos carrinhos de bate-bate antes que ele se afastasse para comprar um picolé. Me explicou que ainda não tinha decidido. Mas que estava tudo terminado.

Depois chegou a garota, se sentou ao meu lado no murinho e sugeri que eu não me chateasse, que um dia eu encontraria um amor proporcional aos meus problemas: eu não fazia outra coisa

*image  
not  
available*

conversar, podíamos nos apaixonar só pelo hábito, os amigos de infância eram reciclados como amantes, e, por virada da sorte, às vezes, de pequena vendedora de fósforos nos tornávamos a garota mais bonita e popular do momento — mas não durava mais do que algumas semanas.

No segundo ano do ensino médio, chegou uma professora que tinha saído de uma crise nervosa, parecida com a Hope Sandoval dos Mazzy Star. Nos deu aula de italiano e geografia.

Entrou na sala de aula vestida como uma freira que tinha acabado de fugir de um convento, com olheiras escuras e sardas. Naquele período estávamos atravessando uma fase de obscurecimento religioso, já que o primeiro da classe tinha parado de ouvir música grunge para se dedicar a Santo Agostinho. Tinha engordado vinte e cinco quilos durante o verão, lido *As confissões* e andava de sandálias mesmo no frio; por algum tempo conseguiu nos fazer crer que o Espírito Santo era a coisa mais controversa que poderíamos experimentar. A turma já estava cheia de garotas que frequentavam encontros carismáticos nos quais começaram a falar em línguas, tinham virado as pupilas e sido atravessadas por um choque benigno e sexual, como as enguias.

Por todo canto as pessoas da minha geração perdiam os amigos para as drogas, eu, para Jesus Cristo.

A professora nos informou que não seguiríamos os livros escolares, mas que ela nos explicaria Dante e Petrarca em módulos universitários, e cada um de nós seria ensinado rotativamente. Quando jovem, tinha seguido por um breve período uma famosa companhia de teatro de vanguarda; durante um estágio apaixonou-se por um dos atores permanentes e disso lhe restou o coração despedaçado. Como era possível que aquela pessoa com uma vida tão aventureira acabasse ensinando numa escola sem nome construída numa espécie de estacionamento industrial, pronta a nos iniciar nas artes da performance em reconhecimento a seus antigos amores? Eu não conseguia encontrar uma explicação.

Um dia, nos fez reféns numa quadra e comunicou que iríamos



*image  
not  
available*

dentro e não saíamos por dias. Eu não me lembrava da ponta da lâmina no pescoço, não me lembrava bem da galhofa do meu pai, seus movimentos rápidos e clownescos, quem estava debaixo de nós, mas me lembro do momento em que fiquei sentada nos degraus fora daquela festa de aniversário, com um vestido claro que ia até o joelho e os braços cruzados, perto de um garoto que conhecia pouco e de quem talvez gostasse, tentando desdramatizar, depois de engolir o conteúdo do copo e ficar triturando-o, com uma risada alta e quebrada, mesmo depois de o garoto de cabelos encaracolados ter se levantado com uma desculpa e ido chamar os amigos para voltar a um vilarejo trinta quilômetros distante, envergonhado. Me vejo ali olhando fixamente para minhas coxas e minhas mãos, com as pétalas das rosas municipais carcomidas pelos insetos e esmagadas sob os pés. A humilhação do bom vestido, dos cabelos em cachos, enquanto do salão vinha música de boate, e eu queria ser cortejada entre as estátuas cobertas de líquens onde muitos de nós deram o primeiro beijo. Estava claro que deveria ir embora.

Não há um só ato de violência na minha vida do qual eu possa me lembrar sem dar risada.

*image  
not  
available*

ainda estão retidos num pequeno prédio do município devido à burocracia italiana. Até pouco tempo atrás havia também hóspedes de uma comunidade de recuperação, ex-dependentes químicos, garotos foragidos de famílias disfuncionais ou afetados por graves perturbações psiquiátricas. Eu queria falar sobre essas oscilações, sua presença perturbadora num território que só foi descoberto por seus pores do sol hipnóticos e pelas grutas dos brigantes. Queria falar sobre isso com um amigo escritor que havia tentado sanar o coração partido durante uma viagem em grupo na Basilicata, organizada por alguns artistas americanos. Tinha visitado as ravinas em Aliano e pensado na história que lhe contei, sobre como cheguei lá.

“É como uma fábula de Far West. Não, é uma fábula fanta-Far West”, me disse enquanto passeávamos diante de postos de gasolina e pores do sol cinza-lilás na noite evanescente de Londres, na minha nova vida.

“Uma garotinha um dia aterrissa com sua família de uma nave espacial e descobre que ao redor há somente pó, depois chegam os fora da lei, os padres...”, exclamou, fazendo gestos amplos. Comecei a rir. Era engraçado, mas não exatamente assim. Sua versão me libertava das humilhações da minha infância, mas ao mesmo tempo reduzia minha vida a uma fábula, uma história externa e impossível de desfazer, enquanto tudo o que eu queria era pegar o lobo que tinha fingido avistar na floresta somente para lhe cortar o pescoço e continuar a mentir novamente.

Um dia minhas amigas que ficaram me levaram para visitar a estrutura para extração de petróleo. Na verdade, demos uma volta de carro, já que não tínhamos autorização para entrar. Subimos por uma colina para poder admirar por inteiro a estrutura, a visão daquelas torres de metal imensas me impactou, do mesmo jeito como sempre fico atordoada quando vejo de perto uma pá eólica. É uma vertigem pior do que a que sinto nos arranha-céus.

“Você fala de ir para o espaço, mas aqui ainda estamos no quilômetro zero”, disse uma delas quando lhe expliquei como tudo aquilo me fazia sentir. Era psicóloga, quando era uma

*image  
not  
available*

sensibilidade, e Francesca começou a rir, passada com o fato de eu ter dito uma coisa tão infantil e errada. Teria sido pior dizer que eram lindos, só por serem pobres e abandonados.

Tinha sobrevivido a uma viagem fracassada na Inglaterra no ano em que Francesca me propôs irmos para a Índia.

No verão de 2005, terminados os exames, eu tinha feito um jantar para esvaziar o freezer e acabar com os restos; com ela e outras amigas, saímos para passear pela residência estudantil com uma estranha excitação. Continuávamos a repetir uma frase de um terrorista referida nos evangelhos apócrifos da rede: “Transformaremos Roma num cemitério”; algumas tinham sonhado que hidrantes varriam sangue da estação Termini. Mas Roma ficou por lá, geopoliticamente ignorante e ignorada, e os terroristas explodiram uma estação de King’s Cross em Londres. Nós nos separaríamos para as férias com aquele desassossego disfarçado.

Eu e meu namorado pensamos em passar uma semana na Inglaterra, já tínhamos reservado os bilhetes e a acomodação, mas após os atentados mudamos nossos planos, preferindo dar uma volta por toda a Escócia de ônibus. Mudar o itinerário foi normal: o terrorismo ainda tinha apelo em nosso imaginário, ainda inspirava desejos de salvação que se tornariam cada vez menos relevantes, ou plausíveis.

Na Escócia, ficamos felizes, dormíamos nas fazendas com os cavalos, mas ainda pensávamos na outra cidade, naquela que faltava. De Londres veríamos somente a estação Victoria, para pegar o ônibus, cheios de medo e remorso por nosso encontro adiado.

Hoje, a poucos metros do lugar do acidente, sobressai uma frase em neon de Tracey Emin que diz: “*I want my time with you*”. Quando passo perto, reconheço todo aquele anseio que me levou a procurar a Inglaterra tantos anos atrás; paro entre as garotas que tiram uma foto da escrita fúcsia luminosa e tenho ciúme do maravilhamento que sentem.

Confundir um lugar com uma história de amor foi algo que fiz imediatamente, assim que cheguei à Índia, na colônia perfeita:

*image  
not  
available*

O Stockwell Skatepark fica ao sul, do outro lado do rio, a menos de um quilômetro de Brixton. Em 2011, não tinha sua página na Wikipédia e não tinha uma história, para mim. Agora sei que se chama “Brixton Beach” e foi financiado pelo município em 1978. Agora há uma loja que vende skates ali perto, antes não havia. Sem nenhuma placa, parecia um local posto lá por acaso, quase completamente circundado por *council houses*<sup>[14]</sup> baixas e marrons, prestes a serem substituídas por outras construções. Eu gostava de lá porque ficava cheio de pessoas assomadas às sacadas que podiam olhar as acrobacias de skate ou de BMX de uma distância curta.

Era o único lugar onde conseguia me sentir calma. Eu ia para lá à tarde e me sentava para olhar aqueles garotos e aquelas garotas que se jogavam pelas lombadas de cimento. Fechava os olhos e ouvia o restolhar das rodas, o corte do ar e o som das quedas, nos meus dias de freelancer, quando não tinha amigos e nada para fazer. Eu olhava para aqueles adolescentes sem participar, como quando eu era uma garotinha e me sentava perto do meu irmão para vê-lo jogar Vampires ou Max Payne: era um alívio, alguém levava adiante a história sem que eu tivesse responsabilidade. Sou uma boa navegante; para fazer com que me sentisse útil, às vezes ele me dizia para consultar mapas e instruções ainda que não fosse necessário, mas, quando preciso decidir por mim mesma, quando preciso descarregar uma metralhadora num jogo eletrônico de tiros em primeira pessoa, morro imediatamente. Não sei avançar na aventura, e esses estão entre os momentos mais íntimos que eu e meu irmão tivemos, quando eu esperava que seu personagem fictício não se ferisse. Nunca roubei seu joystick, nunca fui uma garotinha que queria agir. Me bastava assistir ao desenvolvimento da história, torcer contra a morte dele na tela, e assim eu fazia com os garotinhos do *skatepark*, esperando que se erguessem em saltos heroicos para o alto e desenhassem circunferências perfeitas.

Emigrei da Itália num período histórico peculiar. Haviám ocorrido a Primavera Árabe, as revoltas de Tottenham depois da morte de Mark Duggan, assassinado pela polícia, a guerra na